



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 24/07/2026 e 30/07/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
24/07/2026	12,48	331,30	74,33	6,78	4,64
27/07/2026	12,08	320,80	71,46	6,60	4,51
28/07/2026	12,12	320,80	70,76	6,62	4,58
29/07/2026	11,78	315,30	69,17	6,60	4,49
30/07/2026	11,77	314,10	68,35	6,63	4,45
Média	12,05	320,46	70,81	6,65	4,53

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não Me Toque	SC	
PR – Pato Branco	126,00	
PR – M.C.Rondon	123,00	
MT – C.N.Parecis	119,00	
MS – Maracaju	125,00	
GO - Rio Verde	121,00	
BA – L.E.Magalhães	127,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,00	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	SC	
SC – Rio do Sul	60,00	
PR – M.C.Rondon	57,00	
PR – Pato Branco	60,00	
MT – C.N.Parecis	44,00	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	62,50	
SP – Campinas	66,00	CIF
GO – Rio Verde	51,00	
GO – Jataí	51,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não Me Toque	SC	
PR – Pato Branco	75,00	
PR – M.C.Rondon	75,00	

Período: 29/07/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 30/07/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,94	127,60	69,80

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
30/07/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	63,81
Feijão (saco 60 Kg)	180,70
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,84
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,48**
Boi gordo (Kg vivo)*	12,23

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Maio/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, recuaram bastante nesta última semana de julho. Após o primeiro mês cotado ter atingido a US\$ 12,48/bushel no dia 24/07, o mercado iniciou um recuo importante, atingindo a US\$ 11,77 no fechamento da quinta-feira (30), contra US\$ 12,37 uma semana antes. Por sua vez, o farelo de soja despencou 5,3% nos últimos seis dias úteis, até o dia 30/07, ao fechar neste dia em US\$ 314,10/tonelada curta, a mais baixa cotação em Chicago desde o dia 02/07. Já o óleo de soja perdeu 9,6% nos últimos cinco dias até o dia 30/07, fechando este dia em 68,35 centavos de dólar por libra-peso, sendo esta a mais baixa cotação desde o dia 06/07.

O motivo principal foi o retorno das chuvas nas regiões produtoras de soja dos EUA, arrefecendo a especulação iniciada em princípios de julho. Além disso, uma nova tentativa de acordo de paz entre EUA e Irã esfriou os preços do petróleo, puxando o óleo de soja e influenciando a cotação do grão. Também, neste final de mês, houve forte realização de lucros por parte dos Fundos na Bolsa, ajudando a derrubar as cotações. Assim, se o clima nos EUA continuar no caminho positivo, a pressão baixista sobre os preços da soja tende a continuar. Caso contrário, haverá novas altas. Ou seja, o mercado continua sob forte influência do clima naquele país e, portanto, muito volátil.

Por enquanto, no dia 26/07, apenas 9% das lavouras estadunidenses de soja se apresentavam entre ruins a muito ruins, outras 28% estavam regulares e 63% entre boas a muito boas.

E no Brasil, os preços recuaram um pouco diante deste movimento baixista de Chicago, porém, o câmbio, que se manteve ao redor de R\$ 5,10 por dólar, segurou o recuo, assim como os prêmios ao redor de US\$ 1,50/bushel nos portos brasileiros. Desta forma, nos portos o produto se manteve ao redor de R\$ 140,00 a R\$ 150,00/saco, enquanto nas principais praças nacionais, no balcão, os valores oscilaram entre R\$ 119,00 e R\$ 127,50/saco. No Rio Grande do Sul, a média esteve em R\$ 127,60.

Vale destacar que, diante das preocupações e primeiras evidências do fenômeno El Niño, aumenta a inquietude quanto ao impacto disso sobre a produção de soja global. Com isso, parte dos compradores estão antecipando suas aquisições visando diminuir riscos, o que ajuda os preços a subirem.

Enfim, novas estimativas dão conta de que o Brasil deverá exportar 115,4 milhões de toneladas de soja em 2026, o que seria 6,7% acima do exportado no ano passado. Já o esmagamento local da oleaginosa atingiria o recorde de 63,3 milhões de toneladas, com aumento de 7,8% sobre o ano de 2025. Com isso, a estimativa de estoques finais para o atual ano comercial foi reduzida, ficando em 6,58 milhões de toneladas. Mesmo assim, o maior volume desde 2019. Já a produção de farelo de soja, pelo Brasil, chegará a 48,7 milhões de toneladas enquanto a de óleo atingirá 12,75 milhões, ambos recordes igualmente. A exportação de farelo pode chegar a 24,9 milhões de toneladas e o consumo interno do subproduto em 21,4 milhões. No óleo de soja, a exportação poderá chegar a 1,7 milhão de toneladas. A receita com a exportação do complexo soja atingiria US\$ 60,6 bilhões, contra US\$ 52,9 bilhões no ano anterior. A soja em grão

participa com US\$ 49 bilhões do total esperado, contra US\$ 43,5 bilhões em 2025 (cf. Abiove).

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, em Chicago, para o primeiro mês cotado, após atingir a US\$ 4,64/bushel no final da semana anterior, fechou a quinta-feira (30) em US\$ 4,45.

Por sua vez, as condições das lavouras estadunidenses de milho pioraram um pouco, sendo que no dia 26/07 haviam 12% das mesmas em situação entre ruim a muito ruim. Outras 25% estavam regulares e 63% entre boas a muito boas.

E no Brasil, os preços permanecem firmes, porém, sem grandes modificações. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 58,94/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 44,00 e R\$ 62,50/saco no balcão.

Dito isso, a colheita do cereal no Mato Grosso, safra 2025/26, atingiu a 91% no dia 24/07. A média é de 92,7% para esta data (cf. Imea). Já no Centro-Sul brasileiro a colheita da sarinha atingia a 60% no dia 23/07 (cf. AgRural), enquanto a colheita da safrinha em todo o Brasil atingia 58,3% da área também até o dia 24/07. Os estados mais adiantados com a colheita eram Tocantins (93%), Maranhão (90%), Mato Grosso (87,9%), Piauí (72%), Goiás (35%), Minas Gerais (27%), Paraná (29%), Mato Grosso do Sul (20%) e São Paulo (10%) (cf. Conab).

De forma geral, os compradores estão priorizando o consumo dos estoques ao invés de realizarem novas compras, pois acreditam que os preços possam voltar a recuar assim que a colheita da safrinha se aproximar do final já que os produtores têm limitações de estocagem e necessidade de caixa (cf. Cepea). De fato, a expectativa era de que o aumento da oferta já tivesse provocado uma queda nos preços do milho, mas por enquanto isso ainda não ocorreu.

Por outro lado, as exportações brasileiras de milho, nos primeiros 18 dias úteis de julho, atingiram a 1,35 milhão de toneladas, com recuo de 29,2% abaixo da média diária de todo o mês de julho do ano passado.

E são as exportações que assumem, agora, um papel importante para a definição dos preços. No momento sabe-se que havia demanda externa para embarcar um pouco mais de 3 milhões de toneladas, porém, não havia esse milho colhido. Espera-se que em agosto essas vendas se realizem. Aliás, agosto já inicia com cerca de 2,5 milhões de toneladas nomeadas para exportação. E já há indicativos de que as exportações começam a disputar milho com o mercado interno brasileiro. Vale destacar que a Espanha surge, neste ano, como um grande comprador do milho nacional. Além disso, no mercado interno a demanda das usinas de etanol tende a fazer a diferença.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, para o primeiro mês, fechou a quinta-feira (30) em US\$ 6,63/bushel, contra US\$ 6,96 uma semana antes. Essa baixa do trigo igualmente influenciou o recuo da soja.

Dito isso, no dia 26/07 a colheita do trigo de inverno, nos EUA, atingia a 81% da área semeada, contra 79% na média histórica. Já o trigo de primavera apresentava apenas 2% de área colhida, ficando a mesma dentro da média. As condições das lavouras deste trigo, no mesmo dia, eram de 15% entre ruins a muito ruins, 32% regulares e 53% entre boas a muito boas.

Já na Rússia, os preços de exportação se estabilizaram na medida em que as altas taxas dos fretes reduziram a demanda. Soma-se a isso o fato de que a demanda mundial recuou devido a uma possível flexibilização nas dificuldades de navegação no Mar Negro devido a guerra entre Rússia e Ucrânia. Com isso, o preço do trigo russo da nova safra, com teor de proteína de 12,5%, para entrega FOB na segunda quinzena de agosto, estava em US\$ 235,00/tonelada no final da semana passada (cf. Ikar). Já a Sovecon estimou os preços da semana passada, para o trigo da nova safra da Rússia, com 12,5% de proteína, entre US\$ 235,00 e US\$ 237,00/tonelada.

E no Brasil, o clima ruim no sul do país, com excesso de chuvas e granizo, começa a pesar sobre o mercado pois a possibilidade de uma safra nacional ainda menor do que o já previsto caminha para uma realidade. Este quadro está mais presente no Rio Grande do Sul, enquanto as chuvas têm beneficiado boa parte das lavouras do Paraná.

Assim, enquanto a média gaúcha, na semana, ficou em R\$ 69,80/saco, no Paraná o produto de qualidade superior subiu para R\$ 75,00 junto às principais praças locais. Pelo sim ou pelo não, o fato é que teremos uma safra muito reduzida neste ano, na comparação com os últimos anos. Desta forma, as importações se tornam ainda mais importantes, fato que exige muita atenção em torno do mercado externo. Nesse contexto, entra o câmbio, o custo da logística, a disponibilidade do cereal internacional etc.

Neste final de julho, os contratos firmados para importação de trigo pelo Brasil atingiam a um total, no acumulado do ano 2025/26, de 4,52 milhões de toneladas, considerando embarques entre setembro/25 e agosto/26. Mesmo assim, o volume está abaixo do registrado no ano passado, nesta época, que foi de 5,84 milhões de toneladas. Os principais estados importadores, até o momento, são: Ceará, com 1,04 milhão de toneladas (23% do total), consolidando-se como principal porta de entrada do trigo importado. Na sequência aparecem São Paulo, com 20,9%, Pernambuco, com 13,2%, e Bahia, 11,3% do total. Esses quatro destinos concentram a maior parte do volume programado, reforçando a importância do eixo Nordeste–Sudeste na logística de abastecimento externo. Em termos mensais, o mês de maior compra de trigo estrangeiro, neste ano comercial, foi dezembro/25 com 610.000 toneladas. As principais origens do trigo importado, entre setembro/25 e julho/26, foram: Argentina, com 3,56 milhões de toneladas (78,7% do total considerado). O Uruguai aparece na sequência, com 6,5%, seguido pela Rússia, com 3,7%, Turquia, com 1,9%, Canadá, com 1,4% e EUA, com 0,4% do total. Cabe destacar que o trigo desembarcado nos portos não necessariamente é consumido nos estados de chegada, sendo comum a redistribuição interestadual conforme a demanda dos moinhos. Além disso, o trigo importado do Paraguai, via transporte terrestre, que segundo dados oficiais, somava cerca de 630.000 toneladas até junho, não está incluído nos dados anteriormente citados, “o que significa que o volume total efetivamente disponível ao mercado é superior ao observado nos dados marítimos” (cf. Secex).